



DOSSIÊ: LINGUA E CULTURA NA  
AMÉRICA LATINA

ISSN: 1517-7238

Vol. II nº 20

1º Sem. 2010

p. 69-87

**MEMÓRIA E DESCRIÇÃO:  
UMA ANÁLISE DO  
FUNCIONAMENTO  
DISCURSIVO  
DA DESCRIÇÃO  
EM ANÚNCIOS DE FUGA  
DE ESCRAVOS**

FERRARI, Ana Josefina<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Professora Dedicção Exclusiva da Universidade Federal do Paraná. Doutou-rou-se pela UNICAMP na área de Semântica Histórica da Enunção e na sua tese estabeleceu um forte diálogo com a Análise do Discurso de linha francesa. Trabalha no Setor Litoral da UFPR no curso de Linguagem e Comunicação.

**RESUMO:** Para a elaboração do presente texto, diversas perspectivas da descrição foram observadas. Em geral, quase todas elas propunham a descrição como modo particular de organização textual, juntamente com a narrativa e a dissertação. Assim, as técnicas de elaboração de textos descritivos, como também sua relação com a percepção, foram tomadas como dados constitutivos desse tipo de textos (Ver FILINICH, 1995; GRAMATIC, 1995; CASTRO, 1988; KOCH, 1987). Neste artigo observaremos as teorias da descrição propostas por Genette (1974), Filinich (1995), Hamon (1991) e Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989), procurando, nestas, elementos que contribuam para a análise das descrições presentes no nosso corpus. Para realizar a análise do corpus, partimos da hipótese que nas descrições de anúncios de fuga de escravos, publicados nos jornais da cidade de Campinas entre 1870 e 1880, constitui-se uma imagem singular do escravo. Este é constituído como sujeito de uma sociedade. A partir do marco teórico da AD francesa, visamos a observar os processos, que acontecem na descrição, relacionados com a constituição do escravo como sujeito. Em outras palavras, como essa constituição se materializa no texto do anúncio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Descrição, Memória, Escravidão.

**ABSTRACT:** For the elaboration of this text, several perspectives of the description had been observed. As a general rule, almost all of them proposed the description as particular way of textual organization, as the narrative and the dissertation. Thus, the elaboration techniques for descriptive writing, as also its relationship with the perception, had been taken as constitutive of this type of texts (To see FILINICH, 1995; GRAMATIC, 1995; CASTRO, 1988; KOCH, 1987). In this article we observe theories about the description proposed by Genette (1974), Filinich (1995), Hamon (1991) and Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989). We looking for elements that can contribute for the analysis of the descriptions present in our corpus. To carry out the analysis, we have started from the hypothesis that, in the descriptions present in announcements about the slave escape published in newspapers of Campinas between 1870 and 1880, a singular image of the slave is constituted. The slave is presented as part of the society. Considering the theoretical apparatus of French DA, we intend to observe the processes that take place in the description, which are related to the social constitution of the slave. In other words, we analyze how this constitution is materialized in the announcement.

**KEYWORDS:** Description, Memory, Slavery.

## I INTRODUÇÃO

Nas palavras breves e estridentes que vão e que vêm entre o poder e as existências mais inessenciais, é sem dúvida aí que estas últimas encontram o único momento que alguma vez lhes foi concedido; é o que lhes dá, para atravessarem o tempo, o pouco de fulgor, o

breve clarão que as traz até nós. (FOUCAULT, 2003, p. 99).

Essas poucas palavras de Foucault me fizeram pensar muito a respeito daquelas vidas que surgem nos anúncios. Vidas in-fames. Vidas in-fames não porque sejam ruins, senão porque são vidas que não são famosas, são sem fama, são in-fames. A vida de cada um dos escravos que lemos fugir é uma vida in-fame que por um instante, um único momento, sai do pelo e é iluminada por uma luz, ínfima, quase imperceptível que a traz até nós hoje. Sua vida atravessa os tempos a partir dessa faísca que é o anúncio de fuga do escravo.

## 2 A DESCRIÇÃO

*A descrição vem sendo trabalhada na Teoria Literária, na produção textual e na Linguística Textual como "suporte", como texto explicativo de uma narração ou de um texto expositivo. Também se encontram estudos sobre a descrição que se referem especificamente a seus fenômenos linguísticos. A Semiótica poética<sup>2</sup> adota, a partir dos anos 60-70, a perspectiva de Genette (1974) quando deve lidar com ela. No texto Fronteras del relato, faz um retorno aos princípios propostos por Aristóteles na Poética, onde o relato (diégesis) é um dos modos da imitação poética (mímesis). O teórico francês conclui que, sendo a mímesis considerada uma imitação perfeita e a diégesis, um relato dos relatos, imitação imperfeita só é possível se enfrentar com a segunda, já que a*

---

<sup>2</sup> A Semiótica Poética dos anos 60 a 75 orientou seus estudos para os modos de organização narrativa dos textos. Assim, por um lado encontram-se os trabalhos de Greimas, Genette, Todorov, Brémond. Alguns dos autores que retomam o trabalho de Genette e Barthes são: Jean-Michel Adam e André Petitjean (1989), Hamon (1991), Filinich (1999). Por outro lado, Jakobson, Levin, Ruwet e Geninasca pesquisaram a respeito dos modos de organização dos textos baseados em princípios que frisavam o trabalho do significante. Eles procuravam definir formalmente o enunciado poético propriamente dito.

primeira, por ser perfeita, é a coisa mesma. Partindo dessa impossibilidade, o autor diferencia, no seio mesmo da diégesis, a narração e a descrição. A primeira seria a representação de ações e a segunda a representação de objetos e personagens. A descrição aparece, nesse autor, com a função de auxiliar do relato por vocação. A definição da descrição dada por Genette é, então, a seguinte: “se detiene sobre objetos y seres considerados en su simultaneidad y... enfoca a los procesos mismos como espectáculos, parece suspender el curso del tiempo y contribuye a instalar el relato en el espacio” (GENETTE, 1974, p. 201).

Desse modo, não haveria uma restituição temporal no relato como aconteceria na narrativa. Nela haveria uma representação de objetos simultâneos e justapostos no espaço sem noção de sucessão temporal.

No âmbito da Semiótica, Filinich (1995) propõe que a noção de descrição recobre uma série de operações premeditadas, artificiais, de segundo grau, realizadas sobre aquilo que se descreve (FILINICH, 1995, p. 95). Ela parte de uma base benvenistiana que contempla a existência de um enunciador que se apropria de um sistema de significação e o põe em funcionamento<sup>3</sup>. Nesse contexto, a descrição será

<sup>3</sup> Durante muitos anos a autora dedicou-se ao estudo das descrições no âmbito da Semiótica. Em 2003 publica, na *Enciclopedia Semiológica*, editada pela Universidade de Buenos Aires, o volume *Descripción*. Nesta ela propõe uma Semiótica do discurso descritivo. Para tanto, elabora uma proposta na qual define, em primeiro lugar, discurso. Em um segundo momento, Filinich define enunciado como aquilo que é dito, informado, objeto do discurso, e, nesse sentido, enunciação como o processo no qual o eu interpela um tu. Tanto o enunciado quanto a enunciação, juntos, constituem o que ela denomina discurso. Por outro lado, no início desse volume também define o conceito de descritivo. O descritivo diz respeito a um tipo específico de organização textual e de estratégias que possibilitam sua presença textualmente. Assim, a autora separa o estudo em duas partes. Uma relacionada com o enunciado descritivo e outra relacionada com a enunciação descritiva. O enunciado descritivo é o dito e

definida como “la descripción dispone el material verbal basándose en el criterio de la simultaneidad temporal e instala en el discurso la presencia de un descriptor y un descriptario (en términos de Hamon)” (FILINICH, 2003, p. 16)<sup>4</sup>.

Configura-se, dessa maneira, a descrição como um ato composto por outros dois: um perceptivo e outro descritivo, ambos separáveis e complementares. O ato perceptivo corresponderia à atividade perceptiva do sujeito, onde o mesmo se coloca como “perceptor abstrato do mundo”. Para finalizar, a autora afirma que a descrição se apresenta como uma *organização semântico-sintática superposta à experiência sensível. Ela representa o desdobramento da atividade sensorial do sujeito*<sup>5</sup>.

---

informado, objeto de discurso organizado de modo específico. A enunciação descritiva é o processo pelo qual o eu organiza seu enunciado através de estratégias que visam ao reconhecimento de dito enunciado como descritivo e que está direcionado a um tu.

<sup>4</sup> As categorias de descritor e descriptário dizem respeito ao esquema jacobsoniano de receptor e produtor ou, em outras palavras, destinador e destinatário. Ainda, para a autora, há outro conceito importante nesse esquema: a simultaneidade temporal. Para ela, a descrição coloca seus termos de modo simultâneo e propõe os objetos como uma duração ou como um sistema no qual as transformações já foram realizadas. A descrição faz do seu objeto um espetáculo no qual o tempo está suspenso, mas não negado. A simultaneidade, para Filinich, dá-se no nível do enunciado e da enunciação, ou seja, por um lado entre os objetos descritos e, por outro, entre aquilo que é percebido. Quem percebe tanto se observa como é afetado. Esse mundo que se sente seria um mundo afetivo que se põe em movimento e do qual surge outra série de significações. Elas serão atribuídas a um sujeito, o sujeito passional. Ele nasce a partir de um modo particular no ato descrito.

<sup>5</sup> Filinich afirma: “Regresando ahora a lo que aquí nos ocupa, el discurso descriptivo, sostenemos que su presencia emerge a la superficie y se hace más perceptible, no por efecto de ciertos rasgos de carácter lingüístico (como podrían ser la acumulación de sustantivos y adjetivos, por otra parte, en efecto son señales del predominio de lo descriptivo pero no explican su aparición) o por el tipo de referente que se hace objeto del discurso

*Filinich retoma no seu trabalho as pesquisas de Hamon, que escreve Introducción al Análisis de lo Descriptivo. O autor apresenta a proposta de observar não somente a descrição, mas também o descritivo. Comenta, no primeiro capítulo, que, desde a Antiguidade, a descrição parece não pertencer a um gênero particular. Dessa maneira, no Século XVIII, ela será tributária de fins militares, a partir das descrições geográficas e históricas, terá propósitos enciclopédicos etc.<sup>6</sup>. Hamon (1991) comenta acerca do discurso normativo sobre a descrição:*

Aparece siempre como lugar amenazante: el “detalle inútil” (Boileau), lo azaroso y lo aleatorio (Valéry), lo imprevisible de su aparición, el exceso de “lujo” (Lamy), la proliferación y la ampliación infinita del léxico, el “salto” del lector, su aburrimiento, la heterogeneidad estética, el exceso de erudición, la intrusión del mundo del trabajo, etc. Hacen pensar que la descripción sería quizás ese lugar del texto donde la potencia generativa del lenguaje se mostraría bajo su aspecto más evidente y más incontrolable. Lo que tal vez explicaría por qué, permitido o restringido a ultranza (en los discursos persuasivo-conativos), expulsado de la poética (y reservado para lo didáctico), marginado (el blasón del cuerpo; el catálogo rabelaisiano), subordinado a las instancias antropomorfas “importantes” de la narración, reservado para los discursos aburridos (el discurso de la erudición, de la ciencia), lo descriptivo parece

---

(personajes, paisajes) sino por efecto de un cambio en la posición del enunciador, el cual para organizar la materia verbal, pone el acento sobre ciertas lógicas, la de la aprehensión y el descubrimiento (del mundo y de si mismo) y la del acontecimiento (en tanto afectación del ánimo de un sujeto) en detrimento de la lógica de la transformación (sometida a un programa de acción)” (FILINICH, 2003, p. 30).

<sup>6</sup> Hamon analisa práticas discursivas literárias e não literárias demonstrando a necessidade de se aprofundar nos estudos da descrição. Reconhece que a descrição não somente é encontrada na literatura, mas também está presente em todos os textos e momentos da vida. Descreve-se um amigo, uma situação, uma receita, um modo de fazer. Por esse motivo, não a considera marginal a outro tipo de textos. A partir dessa posição, é possível observar que a função, historicamente outorgada à descrição, como a que resgata Genette, é falha.

tener una carta de ciudadanía muy limitada en el seno del discurso sobre la literatura. (HAMON, 1991, p. 43).

Por esses motivos, Hamon (1991) propõe uma semiologia do descritivo. O autor afirma que o estudo da descrição não pressupõe, forçosamente, um estudo que reafirme as diferenças já conhecidas em textos puros. Também não diz respeito à confirmação de uma oposição paradigmática com a narração.<sup>7</sup> Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989), a partir de uma perspectiva discursiva, procuram caracterizar o funcionamento discursivo da descrição. Partem de uma crítica à divisão feita por Genette no texto que anteriormente citamos, ainda que se apóie em uma das afirmações do autor. Esse autor afirma que um dos funcionamentos discursivos da descrição consiste em “se

---

<sup>7</sup> Cito Hamon: “exige más bien que se elabore un conjunto de proposiciones y de reglas que permita hacer más refinado el análisis de los enunciados, de todos los enunciados (literarios y no literarios) sean cuales sean. Por lo tanto sería útil proponer, para evitar sustantivizar y fijar categorías textuales definidas de manera demasiado masiva, que toda descripción supone un sistema narrativo, por elíptico y perturbado que sea, aunque solo sea porque la temporalidad y el orden de la lectura imponen a todo enunciado una orientación y una dimensión transformacional implícita; y esto se da aun en el caso de ciertos textos con fuerte dominante poético donde las construcciones anagramáticas, repetitivas y los paralelismos formales son el mayor principio de organización (textos limites: los poemas letristas, ciertos poetas surrealistas). Más que la descripción, habría que hablar entonces de lo descriptivo, y considerar de una vez, mas lo descriptivo como una dominante construida por ciertos tipos particulares de textos” (HAMON, 1991, p. 101). O autor não toma a descrição somente como tipo de texto, ele pensa nos efeitos de texto que a domina. Assim surge a noção de descritivo, como função do texto como um todo. Esse posicionamento nos ajudará a pensar a descrição fora da dicotomia com a narração e observar que nela não há somente pinturas. Consequentemente, afirmamos que na descrição podem-se observar processos de subjetivação do escravo. Reside nesse ponto a importância da teoria proposta por Hamon para nossa pesquisa.

atarda(r) sobre objetos e seres considerados em sua simultaneidade, visando os próprios processos como espetáculos (instauração do voyeurismo), parece suspender o curso do tempo para instalar a narrativa no espaço” (ORLANDI; GUIMARÃES; TARALLO, 1989, p. 113).

Dessa perspectiva, os autores afirmam que a descrição é de natureza contemplativa e não participativa, ela anuncia o acontecimento. A partir da descrição, instaura-se uma ordem funcional e temporal, dando a possibilidade de colocar a cena em qualquer tempo. A descrição se dá como uma relação entre signo e língua. Para os autores, a descrição não é uma enumeração arbitrária de coisas no mundo, nela se constitui uma relação de interlocução que se regula e se objetiva pela situação discursiva na qual se produz. A partir dessa asseveração, podemos pensar que a descrição do escravo não é somente a enumeração das propriedades que o fazem

---

<sup>8</sup> Os autores observam que a descrição: 1- anuncia, 2- modula a representação de objetos simultâneos e justapostos no espaço, 3- rompe a relação com o tempo, 4- instaura nova temporalidade. A descrição é um **modo de enunciação** no qual se constrói uma relação do sujeito-locutor com seu(s) interlocutor(es). Ela define a posição que assume o locutor frente a seu próprio enunciado, a seu(s) interlocutor(es) e frente à situação. Ao deslocar a noção meramente textual e levá-la a uma dimensão discursiva, Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989) avançam notavelmente nos estudos da descrição. As análises proposta pelos autores apontam para o exame de procedimentos linguísticos relacionados à indeterminação. Dessa forma, analisam diferentes discursos, a saber: do professor, do boia-fria, da merendeira, do antropólogo, do vendedor do Mercado, visando observar a fala didático-descritiva. Concluem que a descrição tem diferentes efeitos de sentido cuja produção dependerá dos lugares do saber de onde provenha a enunciação descritiva. Assim, se ela é feita por um professor universitário, se configurará de modo diferente, na sua relação de interlocução e na posição do seu enunciador, que se realizada por um agricultor. Ela terá diferentes efeitos de sentido que serão construídos pelo enunciador.

identificáveis. Segundo o proposto, podemos observar discursivamente os processos de subjetivação presentes na descrição<sup>8</sup>.

Contudo, desde esse lugar a descrição nos provoca. O fato de ser o lugar ameaçante onde certa produtividade da linguagem para nos dá indícios de que é nela em que a falha se faz evidente. Nela há a possibilidade de fuga dos sentidos. Aqui a alteridade ameaça a *estabilidade dos sentidos*<sup>9</sup>. *Um dos motivos do seu tratamento pode ser a possibilidade de aparecer um dizer outro que não aquele que deseja ser mostrado. Ela é o ponto de fuga do texto. A descrição como re-escrita de outros textos, trabalhando com um saber instituído, situa-se no limiar do dito com o não dito. Em outras palavras, ela põe em relação o intradiscursivo e o interdiscursivo de maneira específica. Ela compartilha com o leitor certo conhecimento comum.*

O trabalho com o conhecimento comum a respeito do descrito resulta, no nosso caso, altamente relevante. A partir da enunciação descritiva, estabelece-se uma relação de interlocução entre o dono do escravo, que faz o anúncio, e os possíveis leitores do mesmo. A descrição, então, na sua enunciação, compromete o interlocutor (ou leitor). De acordo com Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989), em um mesmo movimento, ela aponta para algo que será tanto revelado quanto ocultado no mesmo ato. Portanto, o funcionamento discursivo da descrição, no nosso caso particular, consiste na fixação das relações de referência, sendo que a referência se fixa numa relação do enunciado com o acontecimento enunciativo<sup>10</sup> e,

---

<sup>9</sup> Essas duas últimas orações retomam a reflexão de Orlandi (2001, p. 13), quando fala a respeito das suas análise de notas de rodapé.

<sup>10</sup> A fuga do escravo é um gesto que se traduz em ato. Um ato que produz um acontecimento. Ele irrompe, ele acontece. Esse instante é o que pode ser percebido no gesto da fuga, naquele instante no qual o escravo simplesmente foge, quebra uma estrutura. Após esse efêmero instante, o acontecimento será re-absorvido por outras estruturas. A partir dele outros

através do acontecimento, com o interdiscurso.

A descrição é, pois, o lugar ameaçante, o lugar da falha. Enquanto na narrativa ou na argumentação encontramos uma sequência lógica de acontecimentos narrados, na descrição há uma lista associativa. Os fatos acontecem em uma simultaneidade temporal semelhante à do sono. Mas também ela é um funcionamento discursivo no qual se constrói um referente, no nosso caso, o referente escravo. Dessa perspectiva, pode-se caracterizar a descrição como processo de referenciação que relaciona o interdiscurso e o intradiscurso de modo particular. No intradiscurso se constrói o objeto de referência, ele dá os indícios do grau de determinação do objeto de referência, ligado ao efeito de pré-construído. O grau de saturação do nome está dado pelos adjetivos e predicções fornecidas ao nome próprio, sendo que nele não se encontra a totalidade das informações para saturar o referente. Nela, o processo discursivo<sup>11</sup> *que prima é o da sobredeterminação<sup>12</sup>, a partir do qual se darão as relações entre os elementos da descrição.*

---

acontecimentos, como os enunciativos, serão provocados e produzidos. Um deles é o anúncio de fuga no jornal. O anúncio de fuga, como acontecimento enunciativo, evidencia uma ruptura. No preciso momento no qual o dono reclama seu escravo, seu objeto, filtra-se o escravo sujeito. No preciso momento no qual o escravo foge com o ferro no pescoço e o pega nos pés, e o capitão do mato o persegue sem piedade, e o dono faz uma demonstração do seu poder, justamente ali, percebemos que há algo que não pode ser capturado e aprisionado. Nesse momento evidencia-se o lugar da falha.

<sup>11</sup> Courtine (1981) define processo discursivo do seguinte modo ao qual nos filiamos: “On peut designer par le terme de processus discursif le système des rapports de substitution, paraphases, synonymes, etc. fonctionnant entre des éléments linguistiques (Pêcheux, 75, p. 146), qui apparaît comme la matrice de constitution du sens pour un sujet parlant à l’intérieur d’une FD” (COURTINE, 1981, p. 35).

<sup>12</sup> A sobredeterminação discursiva decorre de práticas discursivas sociais mobilizadas por um sujeito de discurso interpelado pela ideologia. Ela provém de uma pluralidade de modos e níveis de saturação discursiva (INDURSKY, 1995). A saturação

No intradiscurso das descrições dos anúncios de fuga, evidenciam-se os indícios do grau de saturação do referente no interdiscurso, dado pelo discurso da lei, dentre outros. No intradiscurso, não só encontraremos esses indícios, mas também um processo discursivo de singularização. O processo de singularização do escravo está ligado à constituição do escravo como sujeito singular e pode ser observado, principalmente, na descrição que comporta, também, adjetivos, relativas adjetivas e predicacões. Eles vão constituindo a imagem do escravo enquanto imagem única, diferente de todas as outras. Nesse espaço, também se faz referência às relações que o escravo estabelece com outros indivíduos. Diz-se a respeito de lugares por onde circula, a modos particulares de agir e de falar, a modos de se relacionar com a autoridade. A diferença da imagem de um escravo particular se daria pela combinatória especial de adjetivos, principalmente, sobredeterminados intra e interdiscursivamente e que não se repete em dois seres do mesmo modo.

A sobredeterminação discursiva, decorrente de práticas discursivas sociais, mobilizadas por um sujeito de discurso interpelado pela ideologia, provém de uma pluralidade de modos e níveis de saturação discursiva (INDURSKY, 1995). Esses processos apontam para um efeito de homogeneidade que serve de sustentação à indeterminação, mas também apontam a um efeito de especificidade que será a base de uma singularização.

O escravo será descrito no anúncio, e, através dessa descrição, ele aparecerá como um ser singular, diferente de todos os outros, com marcas próprias. Dita diferença é marcada também pela fala do escravo que chega até nós através da voz do dono, como poderemos observar na análise. O mesmo dono de escravos, que anuncia e descreve o escravo,

---

intradiscursiva é, fundamentalmente, realizada por processos de determinação que não se restringem aos limites do sintagma nominal, envolvendo diferentes tipos de construções linguísticas (ZOPPI-FONTANA, 1997; GUIMARÃES, 2007).

dá as condições de possibilidade para que ele se constitua como sujeito na sociedade escravagista. Observamos, nos anúncios de fuga, uma situação particular dentro da formação discursiva que os sustenta.

### 3 A ANÁLISE

Os anúncios que apresentamos para análise são de três escravos fugidos em diferentes dias e anos. Mas há, entre eles, um ponto comum: os três escravos têm o mesmo nome: José.

<p><b>Gazeta de Campinas, 26 de abril de 1874</b></p> <p><b>ESCRAVOS FUGIDOS</b></p> <p>A 22 de Março do corrente anno fugiram do corrente anno seguinte, pertencentes a d. Maria Brandina de Souza Aranha (viúva Alvaro): - José, alto, magro, preto quase-fula bons dentes, fala bem, barba debaixo do queixo, conservando-a sempre cortada, tem do lado esquerdo do abaxio da orelha um signal de escrófulas, e no peito um signal que parece ser queimadura e muito cabelludo, andar vagaroso, idade 30 annos mais ou menos. - Laurindo, preto, sem barba, altura regular, cheio de corpo, nariz chato, bons dentes, olhos grandes, fala bem, idade 22 annos mais ou menos. - Lino, preto orelhas e olhos grandes, corpo regular, idade 13 annos mais ou menos. - Benedicto, preto, sem barba, bons dentes, magro, baixo, tem o dedo indicador de uma das mãos duro, sem movimento, signal de sarrafeira na bariga da perna direita, idade 20 annos mais ou menos. - Estes escravos foram comprados no Rio de Janeiro pelo Sr. Nuno Diogo Nogueira da Motta. Quem os apprehender ou deles der noticia certa será bem gratificado. - Campinas, 7 de Abril de 1874.</p>	<p><b>Gazeta de Campinas, 09 de maio de 1872</b></p> <p>ESCRAVO FUGIDO-Fugiu no dia 15 do corrente, da fazenda do dr. Araujo, no Amparo, onde se adnaa a título de venda, o creollo José, com as seguintes seguintes: pardo, cabellos grenhos e quase vermelhos, cara fina e alegre, muito prosa e latino, de 14 annos de idade, baixo, e tem um pé sahido mais para fora. Anda montado, em um burinho pangaré, velho, em um lombillo novo e anda com cartas dirigidas ao mesmo dr. Dizendo que está a seu serviço. Quem o apprehender e entregar a seu senhor Ildelfonso Antonio de Moraes, será gratificado, e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutar.</p>
<p><b>Gazeta de Campinas, 12 de agosto de 1872</b></p> <p>Há 20 e tantos dias, fugiu ao abaixo signado um escravo creollo, de nome José, de 20 e tantos annos de idade, pequena estatura, feições múdas, nariz chato, falla grossa; levou roupa fina e uma jaqueta de panno azul fino. Quem o pegar e entregar será bem gratificado. - Campinas, 25 de Junho de 1872. Quemim José Ribeiro de Camargo Castro.</p>	<p><b>Gazeta de Campinas, 22 de junho de 1872</b></p> <p>Há 20 e tantos dias, fugiu ao abaixo signado um escravo creollo, de nome José, de 20 e tantos annos de idade, pequena estatura, feições múdas, nariz chato, falla grossa; levou roupa fina e uma jaqueta de panno azul fino. Quem o pegar e entregar será bem gratificado. - Campinas, 22 de junho de 1872.</p>

Procuraremos analisar o funcionamento intradiscursivo das determinações. Nelas visamos a observar quais os efeitos de sentido cada uma delas produz interseqüencialmente e intraseqüencialmente. Partimos da base de que existe, nos anúncios, a necessidade de uma descrição que preencha o lugar vazio da referência, saturando o referente, evidenciando um *processo de subjetivação*. *Ele tem como suporte material a descrição como tipo discursivo*<sup>13</sup>. *Esse processo de subjetivação tem como funcionamento definidor um processo de singularização do sujeito que age no intradiscurso. A série de processos que agem no intradiscursivo pode ser considerada como sintoma, do início da passagem da posição do escravo de objeto para a de sujeito, na sociedade Campineira do século XIX.*

Inicialmente, o que aparece nas descrições são os atributos. A determinação dessa seqüência, que se inicia com o verbo fugir, continua, em um segundo momento, por uma série de adjetivos que descrevem a fisionomia do escravo José. Cada adjetivo ou expressão apela a um efeito específico. Na análise, observamos que no interdiscurso não há uma determinação muito forte, nesse caso, embora nele se dê parte da saturação do referente. Cada um dos escravos dos anúncios tem uma imagem, uma voz, uma fala, um caráter. Porém, é na relação entre o intra e interdiscurso que a saturação do referente se leva a cabo numa relação de sobredeterminação.

Observamos como os diferentes enunciados presentes na descrição estão relacionados às diferentes práticas discursivas. Estas podem ser assim relacionadas:  
**Relacionadas às características físicas:** Cor, Idade, Barba e/ou cabelos, Estatura, marcas (Signaes) etc.; **Relacionadas**

---

<sup>13</sup> Utilizamos aqui o conceito de tipo discursivo proposto por Orlandi (1996, p. 217): “o tipo, em análise de discurso, tem a mesma função classificatória, metodológica, que tem as categorias na análise linguística. É princípio organizador, primeiro passo para a possibilidade de se generalizarem certas características, se agruparem certas propriedades e se distinguirem classes”.